



Yahweh, Jeová ou simplesmente «o Senhor»? A fascinante história do Nome mais santo de toda a Sagrada Escritura

Existem palavras que possuem uma força extraordinária. Algumas despertam recordações, outras evocam emoções e outras ainda são capazes de mudar o curso da história. No entanto, existe um Nome que supera infinitamente todos os outros. Um Nome que, segundo a tradição bíblica, foi revelado pelo próprio Deus; um Nome tão santo que o povo de Israel deixou de o pronunciar por reverência; um Nome que aparece quase sete mil vezes no Antigo Testamento e que, apesar disso, a maioria dos cristãos mal conhece.

Esse Nome é o **Tetragrama**, as quatro misteriosas letras hebraicas:

יהוה

Transliteradas para o alfabeto latino:

YHWH

Estas quatro consoantes constituem o Nome próprio pelo qual Deus quis revelar-Se a Moisés no monte Horeb. Durante séculos, suscitou estudos, controvérsias, erros de pronúncia e profundas reflexões teológicas. Dele nasceram formas tão conhecidas como **Yahweh** e **Jeová**, embora nenhuma delas corresponda, com absoluta certeza, à pronúncia original.

Por detrás desta questão linguística existe, contudo, uma realidade infinitamente mais profunda: o Nome revela quem Deus é.

Compreender o significado do Tetragrama não é um simples exercício académico. É aproximar-se do próprio coração da Revelação.

O significado do termo «Tetragrama»

A palavra **Tetragrama** provém do grego:

- *tetra* = quatro



- *grammata* = letras

Literalmente significa:

«**As quatro letras**».

Refere-se exclusivamente ao Nome divino escrito com as consoantes hebraicas:

Yod - He - Waw - He

יהוה

No hebraico antigo escreviam-se apenas as consoantes. As vogais só começaram a ser acrescentadas através de sinais diacríticos muitos séculos mais tarde.

Isto explica porque hoje não sabemos, com absoluta certeza, como o Nome era pronunciado originalmente.

O contexto da revelação do Nome

A grande revelação ocorre no livro do Êxodo.

Moisés contempla a sarça ardente.

Deus confia-lhe a missão de libertar Israel do Egito.

Então Moisés pergunta:

«Se eu for ter com os filhos de Israel e lhes disser: “O Deus de vossos pais enviou-me a vós”, e eles me perguntarem: “Qual é o seu Nome?”, que lhes responderei?»

Então Deus responde:



| *«Eu Sou Aquele que Sou.» (Êxodo 3,14)*

E acrescenta imediatamente:

| *«Assim dirás aos filhos de Israel: “Eu Sou enviou-me a vós”.»*

E continua:

| *«Este é o meu Nome para sempre; assim serei lembrado de geração em geração.» (Êxodo 3,15)*

Aqui aparece o Tetragrama.

Não se trata simplesmente de um nome próprio.

Trata-se de uma revelação do próprio ser de Deus.

«Eu Sou Aquele que Sou»: muito mais do que um nome

O hebraico utiliza a expressão:

Ehyeh Asher Ehyeh

Ela pode ser traduzida de várias formas:

- Eu Sou Aquele que Sou.
- Eu Sou Aquele que existe.
- Eu Sou Aquele que será.
- Eu Sou Aquele que permanece.



- Eu Sou Aquele que sempre é.

Todas estas traduções são parcialmente corretas.

A tradição católica, seguindo especialmente **São Tomás de Aquino**, vê nesta expressão a revelação do **Ser absoluto**.

Deus não recebe a existência.

Deus não começa a existir.

Deus não depende de nada.

Ele **é**.

Tudo o resto existe porque participa do ser recebido.

Só Deus possui o Ser por essência.

Como ensina o **Catecismo da Igreja Católica (n.º 206)**, o Nome revelado exprime que Deus é o próprio Ser, Aquele que permanece fiel a Si mesmo e às Suas promessas ao longo dos séculos.

Nas palavras do Doutor Angélico, Deus é o **Ipsum Esse Subsistens**, o próprio Ser subsistente.

Por isso, o Tetragrama não designa apenas uma identidade; revela a própria natureza divina.

Quantas vezes aparece o Tetragrama?

Surpreendentemente, aparece aproximadamente:

6.828 vezes

no texto hebraico do Antigo Testamento.

É o Nome mais repetido de toda a Sagrada Escritura.



No entanto, muitas Bíblias modernas substituem-no por:

SENHOR

escrito em letras maiúsculas.

Este costume provém de uma antiquíssima tradição judaica.

Porque deixaram os judeus de pronunciar o Nome?

Com o passar dos séculos desenvolveu-se uma profunda reverência pelo Nome divino.

O terceiro mandamento dizia:

«*Não tomarás o nome do Senhor, teu Deus, em vão.*» (Êxodo 20,7)

Para evitar qualquer profanação, os rabinos começaram a nunca mais pronunciar o Tetragrama.

Quando o encontravam durante a leitura da Escritura, diziam:

Adonai

que significa:

Senhor.

Noutros contextos utilizavam:

HaShem



isto é:

O Nome.

Com o passar do tempo, a pronúncia original perdeu-se.

Não porque Deus quisesse ocultar-Se, mas porque o povo desejava manifestar a máxima reverência pela Sua santidade.

Como surgiu a pronúncia «Jeová»?

Aqui encontramos uma das histórias mais interessantes da filologia bíblica.

Entre os séculos VI e X d.C., os escribas judeus conhecidos como **massoretas** acrescentaram sinais vocálicos ao texto hebraico para preservar a sua correta leitura.

Quando encontravam o Tetragrama:

יהוה

não escreviam as suas vogais originais.

Em vez disso, colocavam as vogais de:

Adonai

como um lembrete para que o leitor dissesse «Senhor» e não pronunciasse o Nome divino.

Visualmente, apresentava-se de forma semelhante a:

YeHoWaH

Muitos estudiosos cristãos da Idade Média desconheciam esta convenção.

Pensaram que essas vogais pertenciam realmente ao Nome divino.

Assim nasceu:

Jeová



A primeira documentação clara desta forma aparece na Idade Média, particularmente nas obras do humanista e teólogo **Pedro Galatino** (século XVI), embora existam precedentes desde o século XIII.

Assim, **Jeová não é a pronúncia original do Nome divino**, mas sim o resultado da combinação das consoantes do Tetragrama com as vogais de *Adonai*.

Durante séculos, contudo, a forma «Jeová» difundiu-se amplamente na teologia ocidental, nos hinos, nos comentários bíblicos e até em algumas traduções da Bíblia.

De onde provém «Yahweh»?

A partir do século XIX, o estudo comparado das línguas semíticas permitiu formular uma hipótese diferente.

Muitos especialistas concluíram que a pronúncia mais próxima da original teria sido:

Yahweh

Esta reconstrução baseia-se em diversos indícios:

- antigos testemunhos gregos;
- nomes teofóricos hebraicos (como Isaías, Jeremias ou Elias);
- as regras fonéticas do hebraico antigo;
- os testemunhos dos Padres da Igreja.

Contudo, convém sublinhar um facto importante: **ninguém pode afirmar com absoluta certeza que esta tenha sido a pronúncia exata**, porque a tradição viva da pronúncia do Nome já se tinha perdido muitos séculos antes da existência de registos fonéticos.

Por isso, «Yahweh» é uma reconstrução académica altamente provável, mas não constitui uma certeza histórica absoluta.



Porque prefere a Igreja dizer «Senhor»?

Desde os primeiros cristãos existia uma prática herdada da tradução grega dos Setenta (*Septuaginta*): traduzir o Tetragrama por **Kyrios**, isto é, «Senhor».

Os autores do Novo Testamento seguem igualmente esta tradição quando citam o Antigo Testamento, aplicando também o título de «Senhor» a Jesus Cristo, manifestando assim a Sua plena divindade.

Em continuidade com esta tradição, a Igreja indicou que, na liturgia, deve ser utilizada a tradução equivalente a «Senhor» e não uma pronúncia reconstruída do Tetragrama.

Esta prática procura expressar a veneração devida ao Nome revelado e manter-se fiel à tradição litúrgica recebida.

Assim, quando proclamamos na Santa Missa:

«**Palavra do Senhor**»

ou ouvimos:

«**O Senhor esteja convosco**»,

não estamos a utilizar uma simples fórmula de cortesia.

Estamos a empregar o título pelo qual a Igreja confessou, durante séculos, o Deus de Israel e Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem.

O Nome de Deus e a divindade de Cristo

Um dos aspetos mais extraordinários do Novo Testamento é que Jesus aplica a Si mesmo a expressão:

«**Eu Sou**» (*ego eimi*).

Durante a Sua discussão com os judeus, afirma:



| «*Antes que Abraão existisse, Eu Sou.*» (João 8,58)

Ele não diz:

«Eu era.»

Ele diz:

«**Eu Sou.**»

Os seus ouvintes compreenderam perfeitamente o significado desta afirmação.

Por isso tentaram apedrejá-Lo.

Não interpretaram as Suas palavras como uma simples metáfora.

Compreenderam-nas como uma afirmação de igualdade com Deus.

Jesus Cristo identificava-Se com o Deus que falara da sarça ardente.

Toda a cristologia é iluminada por esta perspetiva: o Verbo eterno participa plenamente do Ser divino e do Nome divino.

O segundo mandamento e o respeito pelo Nome de Deus

Vivemos numa cultura em que o Nome de Deus é frequentemente utilizado como uma simples exclamação ou até como blasfémia.

A tradição católica recorda que o segundo mandamento não proíbe apenas o perjúrio ou a blasfémia, mas convida também a pronunciar o Nome divino com adoração, gratidão e confiança.

Sempre que fazemos o sinal da cruz, invocamos o Pai, o Filho e o Espírito Santo.



Sempre que rezamos o Pai-Nosso, dizemos:

«**Santificado seja o vosso Nome.**»

Não pedimos que Deus se torne santo — porque Ele é a própria Santidade —, mas que o Seu Nome seja reconhecido, amado e glorificado por toda a criação.

Aplicações espirituais para o cristão de hoje

O estudo do Tetragrama não deve permanecer apenas no âmbito da erudição.

Tem consequências concretas para a vida espiritual.

1. Recuperar o sentido da adoração.

O mistério do Nome divino recorda-nos que Deus é infinitamente maior do que as nossas categorias humanas e merece uma profunda reverência.

2. Cuidar da nossa linguagem.

Evitar o uso leviano do Nome de Deus é um testemunho de fé num mundo que banaliza o sagrado.

3. Confiar na fidelidade de Deus.

O Deus que revelou o Seu Nome a Moisés é o mesmo Deus que hoje acompanha a Sua Igreja e permanece fiel às Suas promessas.

4. Reconhecer Cristo como Senhor.

Reconhecer Jesus como o grande «Eu Sou» fortalece a nossa fé na Sua divindade e na Sua presença real na Santíssima Eucaristia.

5. Viver a santidade no quotidiano.

Se trazemos o nome de cristãos, somos chamados a refletir, com a nossa vida, a santidade do Deus cujo Nome veneramos.



Um ensinamento para o nosso tempo

Numa época marcada pelo relativismo, em que Deus é frequentemente reduzido a uma ideia, a um sentimento ou a uma simples opinião pessoal, o Tetragrama recorda-nos uma verdade essencial:

Deus não é uma projeção do homem.

Ele é o Ser eterno, o Criador, o Senhor da história, o Santo de Israel que Se revelou e que quis estabelecer uma Aliança com o Seu povo.

Conhecer a história dos nomes **Yahweh** e **Jeová** é interessante e ajuda a compreender melhor a transmissão da Sagrada Escritura.

Contudo, a questão decisiva não consiste em pronunciar corretamente algumas antigas consoantes hebraicas, mas em acolher com fé Aquele que Se revelou a Moisés e que, na plenitude dos tempos, Se manifestou definitivamente em Jesus Cristo.

Conclusão

O Tetragrama permanece um dos maiores mistérios da Revelação divina.

Quatro letras que atravessaram mais de três mil anos de história, copiadas com veneração por gerações de escribas, meditadas por profetas, Padres da Igreja, teólogos e santos.

Quatro letras que nos conduzem a uma verdade imensa:

Deus é o único que existe por Si mesmo, o Eternamente fiel, o princípio e o fim de todas as coisas.

Por isso, para além do interesse histórico pelas formas **Yahweh** ou **Jeová**, o crente é chamado a contemplar o significado profundo do Nome divino e a responder com a mesma atitude que Moisés assumiu diante da sarça ardente:



descalçar as sandálias do orgulho, adorar em silêncio e deixar-se transformar pela presença do Deus vivo.

Como proclama o Salmista:

«*Uns confiam nos carros, outros nos cavalos; nós, porém, invocamos o nome do Senhor, nosso Deus.*» (Salmo 20,8)

Que este santíssimo Nome, revelado na Antiga Aliança e plenamente glorificado em Jesus Cristo, seja para nós uma fonte de adoração, confiança e esperança, até ao dia em que contemplaremos face a face o Deus cujo mistério ultrapassa infinitamente tudo o que as palavras humanas podem exprimir.